



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à revista italiana Panorama

Brasília – DF, 19 de março de 2007

Jornalista: Muito obrigado por ter aceito a entrevista com a revista semanal Panorama.

Esteve, aqui, alguns dias atrás, o presidente Bush. Depois, em maio, vamos ter a visita do Papa. Entre essas duas visitas, teremos a visita do presidente Prodi. Por que o Brasil tornou-se tão popular, tão famoso?

Presidente: Eu não acho que o Brasil tenha se tornado popular. O que eu acho é que o Brasil passou a ter uma relação, no mundo globalizado, com mais soberania, procurando novos parceiros e, ao mesmo tempo, apresentando projetos alternativos para atrair parcerias com outros países. Quando eu tomei posse, em 2003, na primeira viagem que eu fiz a Davos, e depois de conversar com muitos dirigentes políticos, eu disse ao meu ministro das Relações Exteriores, que era possível a gente contribuir para mudar a geografia comercial do mundo. Ou seja, era preciso juntar os países que tivessem uma certa similaridade, estabelecer os pontos que nos colocam de acordo, e começar a negociar com os chamados países ricos, seja a União Européia, seja os Estados Unidos ou o Japão. Bom, o resultado disso foi a criação do G-20, em Cancun.

Ao mesmo tempo, estabelecemos uma outra parceria – que eu sei que a Itália não gosta – com a Alemanha, com o Japão e com a Índia, para tentar mudar a dinâmica do Conselho de Segurança da ONU, no que diz respeito aos membros permanentes. Bem, isso fez com que o Brasil tivesse um papel de destaque. Não de dono. Papel de destaque é dominância? Não pode ser. Dominância é uma coisa, destaque é outra. É que nós não queremos dominar.



Nem predominante. Destaque, a palavra é destaque.

Tradutora: Importante.

Presidente: Por isso é que o Brasil tem um papel importante hoje. Primeiro, porque construiu as parcerias dentro do G-20, com Índia, China, África do Sul e muitos outros países da América do Sul e América Latina; com o G-4, com Alemanha, Japão e Índia; e na América do Sul, fortalecendo o Mercosul e construindo a Comunidade Sul-Americana de Nações.

O que eu aprendi na minha vida sindical? Quem nenhum interlocutor respeita o interlocutor que não se respeita. Ou seja, se um país como o Brasil não tem dimensão da sua grandeza e age sempre como se fosse um país menor, pobre, e não se respeita, por que os outros haveriam de respeitar? Bem, eu penso que isso mudou, um pouco, a política internacional do Brasil.

Por que o presidente Bush veio ao Brasil? Sobretudo, eu penso que em função de uma necessidade que o mundo precisa ter, de não ficar tão subordinado aos combustíveis fósseis. O mundo clama pela sua despoluição. Nós não sabemos o que vamos deixar para as futuras gerações, porque estamos poluindo demais o Planeta. O Brasil, há mais de 30 anos, detém a tecnologia da produção do etanol. E agora o Brasil está dominando, de forma significativa, a tecnologia do biodiesel. Eu penso que isso faz uma diferença, não só pelo preço do petróleo, mas porque também precisamos diminuir a emissão de gases.

Então, eu penso que o mundo caminha para melhorar o meio ambiente. Obviamente que isso passa pelo fato de os países ricos diminuírem as emissões de gases, e os países que ainda têm florestas preservarem de forma adequada as suas florestas, os seus rios, enfim, todo nosso ecossistema e a nossa biodiversidade. Eu penso que hoje já não é mais uma coisa de ambientalistas, é uma necessidade de sobrevivência da espécie humana.



Jornalista: O Papa?

Presidente: Bom, o Papa vem aqui certamente porque o Brasil é o maior país católico do mundo. Então eu penso que...

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Veja, eu penso que a vinda do primeiro-ministro Prodi, aqui, é extremamente importante. Primeiro, porque tem muita gente de origem italiana no Brasil. Eu mesmo sou casado com uma filha de italiano. A cultura italiana está impregnada na cultura brasileira. Afinal de contas, os primeiros italianos que vieram para cá, vieram por volta de 1875 e, portanto, os italianos têm muito a ver com a construção de uma parte do nosso País. É só ir a São Paulo que nós vamos ver um pedaço da Itália incrustado dentro do Brasil. Depois, nós, brasileiros, gostamos dos italianos, nós gostamos da Itália, eu penso que a Itália gosta do Brasil. Bom, se nós já temos essa proximidade, se grandes grupos econômicos italianos já estão no Brasil, a começar do primeiro deles, o conde Francisco Matarazzo, e até hoje com a Fiat, por exemplo. Bem, nós agora temos que aperfeiçoar essas relações.

Então, a vinda do primeiro-ministro Prodi, eu vejo como um passo muito importante no aprimoramento das relações entre Brasil e Itália. Nós temos uma balança comercial por volta de seis bilhões e meio de dólares, é pouco, acho que nós poderemos chegar a 10 bilhões de dólares, de balança comercial, entre os dois países. Nós temos interesse em estreitar uma relação cultural entre Brasil e Itália. Nós temos interesse em estreitar a nossa relação entre os nossos cientistas com os italianos. Nós temos interesse em discutir as parcerias na questão do biodiesel e na questão do etanol. Tudo isso me deixa feliz pela vinda do primeiro-ministro Prodi. É importante que venha com uma



boa delegação de empresários. Eu já participei de uma boa reunião com os empresários italianos, na Itália. Depois, tivemos uma bela reunião, em São Paulo, com os empresários italianos. E agora, essa visita do Primeiro-Ministro, acompanhado com empresários vai permitir um novo entrosamento entre os nossos empresários.

Jornalista: O senhor considera que o Brasil possa tornar-se a Arábia Saudita da energia limpa?

Presidente: Eu acredito mais. Eu acredito que o Brasil tem possibilidade de se transformar no mais importante exemplo mundial de energia limpa. Nós, hoje, já utilizamos 23% de etanol na gasolina; hoje, 85% dos carros vendidos no mercado interno são *Flex Fuell*, portanto podem ter 100% de álcool, gasolina 50%.

Agora, no próximo ano, começaremos a introduzir 2% de biodiesel no óleo diesel. Em 2010, estaremos colocando 5% de biodiesel no óleo diesel. E, mais importante, a Petrobras conseguiu, no seu centro de pesquisa, criar um novo óleo diesel chamado Hbio.

O que é isso? É a mistura do óleo vegetal bruto no próprio óleo diesel, e refiná-lo junto, ou seja, sai um óleo diesel, que nós chamamos de Hbio, sem nenhum enxofre. Já temos quatro refinarias preparadas para isso e agora estamos preparando a produção de oleaginosas para produzir o óleo vegetal.

Quais são as vantagens do Brasil? Primeiro, muita terra, muito sol e muita água. Segundo, temos cana-de-açúcar, temos soja, temos girassol, temos mamona, temos a palma africana e tem outro monte de oleaginosas que eu não vou citar. Depois eu mostro as minhas plantas ali para ele.

Bem, isso coloca o Brasil numa situação altamente privilegiada. Mas quando nós pensamos no biodiesel, nós não pensamos apenas no Brasil, nós pensamos na África, pensamos na América Latina, sobretudo para ajudar os



países mais pobres, porque a nossa lei, aqui, instituiu um selo social, ou seja, se o empresário que produz o biodiesel contratar a oleaginosa de um pequeno produtor, ele tem isenção de impostos.

Então, nós queremos fazer uma combinação nas regiões mais pobres do Brasil, da agricultura familiar com a indústria de biodiesel. Por isso eu estou convencido de que nós estamos no caminho certo para, nos próximos 15 ou 20 anos, sermos uma das maiores potências energéticas do mundo, com combustível renovável, gerador de empregos e limpo.

Jornalista: O senhor ficou muito surpreso quando Bush falou a primeira vez de justiça social? A primeira vez?

Presidente: Olha, eu acho que a espécie humana vai crescendo com o tempo e nós vamos evoluindo, para dizer coisas que não dizíamos. Eu acho que o problema social hoje, enfrentá-lo é a melhor arma para você diminuir a violência, o terrorismo. Eu penso que os Estados Unidos, como maior economia mundial, pode jogar um papel extremamente importante. Eu disse ao presidente Bush: um dos equívocos dos países ricos é que muitas vezes se dá dinheiro para ajudar um outro país e não se cobra a aplicação desse dinheiro. Então, eu penso que a melhor forma de ajudar os países pobres, hoje, não é dar dinheiro em espécie, tem que ter um projeto de desenvolvimento que seja acompanhado por organismos multilaterais para saber se o recurso foi aplicado corretamente, se trouxe os benefícios que imaginávamos que ia trazer.

Você imagine, um país como a Itália pode financiar uma planta de biodiesel num país pobre da África e comprar o biodiesel. E aquilo vai gerar emprego, salário, portanto, vai permitir que haja melhora da qualidade de vida.

Isso eu conversei muito com o presidente Bush: como ajudar a América Central? Ninguém suportará a democracia se ela não vier acompanhada de uma melhoria na qualidade de vida das pessoas. Eu penso que é esse o



desafio que está colocado para todos nós que somos dirigentes hoje.

Aí entra uma outra coisa importante: a Rodada de Doha. Desde o ano passado, eu tenho telefonado para o Bush, para o Tony Blair, para o Prodi, para a Angela Merkel, para o presidente Chirac, dizendo o seguinte: o problema da Organização Mundial do Comércio na questão da Rodada de Doha já não é mais uma questão eminentemente econômica, é uma questão de visão de mundo que nós queremos construir para os próximos 30 anos. Ou seja, como fazer um acordo em que os países mais pobres tenham condições de colocar os seus produtos agrícolas nos países mais ricos. Esse é o desafio que está colocado e não são os nossos técnicos que vão resolver.

Eu tenho dito: isso aqui depende de uma decisão política. Cada presidente tem que dizer claramente o que quer. Porque em negociação cada país fica com o seu número no bolso do colete, ninguém quer mostrar. E na hora em que você coloca o número na mesa, você não pode tirar mais, a não ser para melhorá-lo. Então, ninguém apresenta. Eu tenho dito isso com todos os líderes. Eu disse ao Bush: bem, vamos, você e eu, ver os nossos números, porque os Estados Unidos tem que reduzir os subsídios. A Europa tem que permitir o acesso aos produtos agrícolas. E os países do G-20 precisam flexibilizar produtos industriais e serviços. O Brasil está disposto a fazer sua parte, sempre levando em conta que cada país tem que fazer concessão, de acordo com o seu potencial econômico. Por exemplo, na agricultura, na Itália deve ter 2 ou 3% de mão-de-obra no campo, no Brasil tem 25%, em países africanos tem 70%. Então, é preciso cuidar da proporcionalidade para que o acordo seja eminentemente justo. A minha tese é que Itália e Brasil não precisam ganhar nada. Se os países pobres ganharem, já iremos todos para o céu.

Jornalista: Presidente, o senhor está no meio do caminho entre o Bush, o grande aliado do Norte, e o incômodo aliado vizinho, que se chama Hugo



Chávez. Como o senhor pretende lidar com essa situação? E, sobretudo, quero lhe perguntar uma coisa que aqui na Europa é muito sentida: vocês, líderes da América Latina que se chamam reformistas, que trabalharam para uma esquerda pragmática e não ideológica, não concederam muito espaço ao populismo do Chávez? Essas tentativas de reduzir os espaços da democracia na Venezuela?

Presidente: Primeiro, eu não estou diante de dois mundo, eu estou diante de dois chefes de Estado, de países soberanos e, portanto, as suas decisões são pertinentes à realidade interna de cada país. Chávez não me é um vizinho incômodo, Chávez é um grande parceiro do Brasil. A Venezuela tem interesse no Brasil e o Brasil tem interesse na Venezuela. A briga entre Chávez e Bush é um problema dos dois, e eu não me meto.

Jornalista: Não faz nenhum tipo de mediação?

Presidente: Veja, quando tem divergência de fundo entre dois políticos, num outro nível, é a briga de Bush e Chirac na questão da OMC. Chirac passa o tempo inteiro criticando Bush e Bush passa o tempo inteiro criticando Chirac, ou seja, então aí é um problema dos países que eu respeito.

O Brasil mantém uma boa relação com os Estados Unidos e o Brasil mantém uma boa relação com a Venezuela. Temos interesses políticos, econômicos e comerciais com os dois países e pretendemos continuar assim. Chávez faz parte do Mercosul e eu penso que é importante que seja assim.

Os discursos que eu faço aqui dentro do Brasil, que Kirchner faz na Argentina e que Chávez faz lá, é um problema de cada um. Quando nós tratamos da relação de Estado, nós respeitamos o papel de cada Estado.

Jornalista: O senhor não considera ter dado muito espaço a Chávez?



Presidente: Não. Veja, a Venezuela é um país importante. Pela primeira vez o petróleo está sendo utilizado para ajudar o povo mais pobre da Venezuela. E o Chávez está vendendo o petróleo a um preço mais barato para os países mais pobres. Que mal há nisso? Nenhum.

Jornalista: Mas, no final, vocês vão competir com a Venezuela? Vão concorrer na energia, porque vocês produzem biodiesel e eles não.

Presidente: Mas são dois tipos de energia diferentes. O Brasil é auto-suficiente em petróleo e o Brasil vai se tornar auto-suficiente em biocombustíveis. Como o mundo precisa cumprir o Protocolo de Quioto, a camada de ozônio não prejudica apenas os pobres, prejudica todo mundo, ou seja, eu penso que o biocombustível tem um papel muito importante, seja na mistura, seja no caráter alternativo deste combustível.

Jornalista: O senhor é preocupado com a democracia na Venezuela?

Presidente: Não. Se nós aprendermos a respeitar as particularidades de cada povo e de cada dirigente... O Chávez acabou de ser eleito democraticamente, 62% dos votos. Então, qual é o questionamento? Dele fazer proposta para o seu país? Eu não tenho nenhuma preocupação com isso, como não tenho com o Evo Morales, que acabou de ser eleito e tem a sua realidade interna. Todos nós, na hora em que não fizermos aquilo que atenda ao interesse da maioria do povo...

Jornalista: É melhor integrar o Chávez nos seus relacionamentos na América Latina ao invés de combatê-lo, como fazem os outros?



Presidente: O Chávez não precisa ser combatido, o Chávez é nosso parceiro e nosso aliado, como o Evo Morales é nosso aliado.

Jornalista: O senhor já teve um primeiro mandato, muito difícil, com várias crises políticas. Está começando o segundo mandato. Quais são as suas prioridades para o Brasil nestes próximos quatro anos? São os anos que vão considerá-lo um pouco na história do Brasil, afinal de contas.

Presidente: Nós começamos este ano anunciando ao País a criação de um Programa de Aceleração do Crescimento. Anunciamos um programa de investimentos de aproximadamente 250 bilhões de dólares nas áreas de infraestrutura, habitação e saneamento básico. Eu penso que é um começo importante. Agora, nós estamos preparando um outro programa de reforma do sistema educacional brasileiro para melhorar a questão do ensino fundamental e o próximo passo é fazer com que haja uma uniformização de todos os programas sociais, sobretudo para que a gente tenha uma resposta política para a juventude brasileira. Essas são três medidas que vamos tomar no decorrer deste ano, que eu penso que vão mudar um pouco a cara do País daqui a alguns anos. E quando eu falo da juventude, a minha preocupação maior é com a segurança, porque se nós não dermos a esses jovens uma perspectiva de vida, o crime organizado pode dar. Essa é uma preocupação em que nós vamos trabalhar nestes próximos meses.

Jornalista: Como faz para conciliar os programas de investimentos, os programas sociais e de infra-estrutura com essa política econômica austera?

Presidente: Bom, primeiro, nós não gastamos fácil, e isso eu não precisei entrar na universidade para aprender. Eu a vida inteira vivi de salário e nunca gastei mais do que ganhava, porque depois eu não conseguiria pagar. Primeiro



passo, o Brasil não vai gastar mais do que ele pode receber. Segundo passo, a nossa macroeconomia será sempre uma macroeconomia que leve em conta a necessidade do crescimento econômico. Mas, ao mesmo tempo, uma política fiscal dura, que não permita que o governo aumente a dívida do setor público. Em terceiro lugar, nós achamos que a melhor solução para o País, ao invés de só cortar despesas, é fazer o País crescer um pouco para que a gente tenha mais renda e possa investir mais em infra-estrutura.

Jornalista: Quanto prevê o aumento do PIB nos próximos quatro anos?

Presidente: Eu sou contra fazer previsões, mas eu trabalho com a idéia de que as condições estão criadas para que o Brasil entre num novo ciclo de crescimento econômico sustentável, que possa ser de cinco para mais. Mas isso, controlando a inflação, porque o melhor ganho de aumento de salário para o trabalhador é não ter inflação.

Jornalista: Para o Brasil, a globalização é uma oportunidade ou é uma ameaça? Ou, atualmente, representa uma ameaça?

Presidente: Hoje, eu acho que é uma realidade. O que nós precisamos é tirar proveito das oportunidades deste mundo globalizado, que existe, independentemente de nós, e nós precisamos é tirar proveito disso. Eu acho que o Brasil está se saindo bem.

Jornalista: Conciliam-se as políticas liberais com a justiça social?

Presidente: Veja, eu não acho que o Brasil tenha uma política liberal. Até porque não daria para ter uma política ideologicamente de outro jeito. O nosso primeiro mandato foi para consertar a casa, e fizemos muito bem. Eu vou lhe



dar um exemplo: em janeiro de 2003, o Brasil tinha 14 bilhões de dólares de reservas e 16 bilhões de dólares do FMI. Bem, nós já pagamos a dívida do FMI, já pagamos o Clube de Paris e temos hoje 105 bilhões de dólares de reservas.

Jornalista: Arrumar a casa?

Presidente: A casa está em ordem. Temos superávit de conta corrente, temos superávit comercial, a massa salarial cresceu, os empregos estão crescendo, a agricultura brasileira voltou a se recuperar, então as coisas estão arrumadas. Eu digo sempre que um presidente da República tem uma única coisa que ele não pode fazer em nenhum momento, que é perder a paciência. E é isso que estamos fazendo.

Jornalista: Presidente, última pergunta. Em relação a um acontecimento ocorrido no Rio, em que foi preso um terrorista italiano muito famoso. A Itália está muito atenta a esse caso. Gostaríamos de saber se há intenção do governo brasileiro de fazer a extradição do terrorista?

Presidente: Aqui no Brasil, eu tenho o hábito de não dar opiniões sobre um processo que está tramitando na Suprema Corte. Vamos deixar, primeiro, a Suprema Corte tomar a sua decisão.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Vamos esperar primeiro. Não tem pedido de asilo político, tem um processo no Supremo Tribunal Federal. Na hora em que a Suprema Corte decidir, aí você me telefona e eu te digo o que eu vou fazer.



Jornalista: E se Prodi fizer a pergunta?

Presidente: Eu vou responder do mesmo jeito. Porque certamente ele me responderia assim.

Jornalista: Muito obrigado pela sua entrevista.

Presidente: Você já conhecia o Brasil?

Jornalista: Sim. Quatro vezes.

Presidente: Onde?

Jornalista: Antes de 2000, depois eu vim outras vezes fazer uma entrevista sobre o Rio, várias vezes. Eu estava falando antes com ele que, o que sempre me impressionou muito, foi a cara com que o senhor falou em Davos, eu vi o senhor falando em Davos duas vezes, e vi com quanta paixão o senhor explica o Brasil ao mundo.

Presidente: Mas é que teve um problema histórico no Brasil. Nós fomos colonizados durante quase 500 anos. Então, o Brasil se apresentava ao mundo com muita subserviência. Eu acho que nós temos que ser tratados em igualdade de condições. Eu penso que isso faz bem para o Brasil e faz bem para os nossos parceiros. Por exemplo, eu tomei uma decisão de não ter mais embaixador político na Itália, eu quero embaixador de carreira para tratar a questão de Estado para Estado. Vai ser melhor para nós e melhor para a Itália.

Está bem?

Jornalista: Obrigado.